

# Os livros de Sayuri

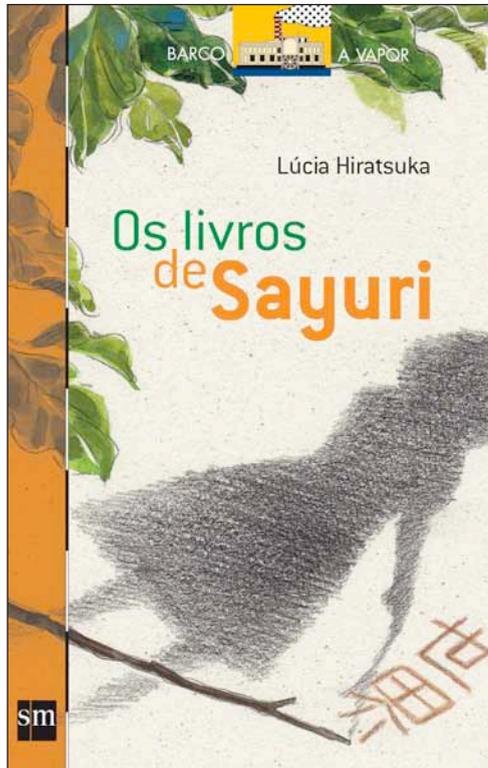
Lúcia Hiratsuka



*Temas* Imigração japonesa no Brasil; Segunda Guerra Mundial; Superação do medo; Vida na primeira metade do século XX no interior do Brasil

*Gênero* Romance

## GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



Série Laranja nº 24  
144 páginas



**O LIVRO** Esta narrativa aborda a difícil realidade, os sonhos e os medos da pequena Sayuri, filha de imigrantes japoneses, que moram em uma comunidade de sítiantes no interior do estado de São Paulo. Durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente Getúlio Vargas proíbe o ensino de línguas estrangeiras, visando principalmente os imigrantes vindos da Alemanha, Japão e Itália. Com medo de perseguições, os pais de Sayuri decidem enterrar seus livros, para desespero e incompreensão da garota, que sonha aprender a ler e desvendar os tesouros ali guardados. Sem que ninguém perceba, ela esconde um dos livros. As escolas japonesas são fechadas, mas a comunidade encontra um professor para ensinar as crianças clandestinamente, e Sayuri, caminhando pelas estradas escuras à noite, carregando seus medos, seu material e um lampião, finalmente começa a estudar. Aos poucos, aprende a decifrar os ideogramas japoneses e consegue realizar seu grande sonho: ler seu primeiro livro.

**A AUTORA** Lúcia Hiratsuka nasceu em 1960, em Duartina, interior de São Paulo. Quando criança, aprendeu a ler e escrever em japonês com o avô e começou a desenhar no chão de terra do sítio onde morava. Lúcia é artista plástica, autora e ilustradora de diversas obras infantis. Em 1995, seus livros *Hatikazuki Hime*, *Momotaro* e *Tanabata* conquistaram o prêmio de Melhor Produção Editorial, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Pela Edições SM, Lúcia publicou *Lin e o outro lado do bambuzal* e *Contos da montanha*.



## Mergulhando na temática

### A IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL

Os primeiros imigrantes japoneses chegaram a Santos, no litoral do estado de São Paulo, em 18 de junho de 1908, no navio *Kasato Maru*, com 781 pessoas. Vinham em busca de melhores condições de vida para trabalhar como colonos nas fazendas de café. Depois de um tempo, muitos compraram terras e formaram comunidades, principalmente no interior de São Paulo e Paraná. Os maiores núcleos de concentração dessas populações foram constituídos no noroeste paulista e no Vale do Ribeira, onde se dedicavam à sericultura, como a família de Sayuri, e ao cultivo de chá. Até final da década de 1940, havia no Brasil aproximadamente 160 mil japoneses.

A adaptação a um país de costumes e língua tão diferentes não foi fácil, pois os imigrantes de origem asiática, como japoneses e chineses, eram vistos com desconfiança pelo governo e pelos fazendeiros brasileiros, que preferiam trabalhadores europeus.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o fluxo de imigração diminuiu em decorrência da limitação imposta pelo governo brasileiro ao número de imigrantes autorizados a entrar no país.

#### Para saber mais:

[www.culturajaponesa.com.br](http://www.culturajaponesa.com.br)

[www.fjisp.org.br](http://www.fjisp.org.br)

## INTERPRETANDO O TEXTO

A história gira em torno da luta da doce Sayuri para aprender a ler e escrever. Nascida em uma família de **imigrantes japoneses**, por volta de 1930, a garota enfrenta obstáculos difíceis de superar: as limitações e proibições impostas aos estrangeiros pelo governo brasileiro, o medo da repressão, a impossibilidade de ir à escola. A narrativa em 1ª pessoa, lírica e poética, cria forte empatia entre narradora e leitor à medida que este conhece a menina e seu profundo amor pelos livros, sua ânsia para penetrar no mundo mágico da leitura e seus medos.

A narrativa inicia-se com uma cena de grande impacto dramático. Durante a **Segunda Guerra Mundial**, o governo brasileiro proíbe o ensino de línguas estrangeiras, entre elas o japonês, a livre circulação dos imigrantes pelo país e a manifestação de sua cultura, como as comemorações e a disseminação de quaisquer escritos em seu idioma. Amedrontado, o pai de Sayuri enterra os livros da família, mas a menina consegue esconder um deles embaixo de seu colchão. Com esse gesto, começam as angústias e os medos, alternados com momentos de suave felicidade: medo, sobretudo, de ser descoberta quer pela família, quer pelos “homens”, agentes do governo – considerados inimigos do país, os imigrantes são vigiados e suas casas revistadas –; felicidade ao sonhar com os segredos e mistérios escondidos nos ideogramas do livro. Habilmente, a autora mescla os temores da menina e sua vontade de ir à escola com uma atmosfera de expectativa e suspense, pois, de fato, algumas vezes, casas de vizinhos e amigos são vistoriadas por soldados.

Com a proibição do ensino de japonês, a escola da comunidade é fechada justamente no ano em que Sayuri começaria a estudar. Jovens voluntários se prontificam a ensinar as crianças, e a esperança invade novamente a menina: vai aprender a ler com um professor que ministra aulas em um sítio próximo.

A narrativa prossegue, retratando o dia-a-dia de Sayuri, as brincadeiras infantis, seus afazeres e responsabilidades familiares, enquanto os pais trabalham na roça e cuidam da criação de bicho-da-seda. A autora descreve com riqueza de detalhes as condições de vida da comunidade de imigrantes na primeira metade do século XX: sem luz elétrica, sem água encanada, lutando contra a barreira da língua e, muitas vezes, contra perseguições e hostilidades, mas mantendo seus ideais e, dentro do possível, seus costumes e crenças.

\* Os **destaques** remetem ao item *Mergulhando na temática*.

## A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E AS COMUNIDADES DE IMIGRANTES

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) ocorreu entre dois grupos de países: os Aliados – França, Grã-Bretanha, União Soviética e Estados Unidos – e os do Eixo – Alemanha, Itália e Japão. Muitas outras nações integraram-se ao conflito, principalmente porque foram invadidas pelas forças armadas alemãs. O resultado foi uma guerra mundial com milhões de mortes e enormes prejuízos aos mais de setenta países envolvidos. O governo brasileiro declarou guerra aos países do Eixo somente em 1942, mas, antes disso, tomara uma série de medidas contra as colônias de imigrantes vinculadas aos países do Eixo – japonesa, italiana e alemã. As escolas nessas comunidades foram fechadas e proibiram-se o ensino de língua estrangeira, a publicação de jornais e as reuniões públicas ou privadas em outro idioma que não o português. Apesar de o governo ter declarado que a vida, os bens e a honra desses imigrantes seriam respeitados, muitos deles enfrentaram restrições e sofrimentos, com perseguições, sequestro de bens e até prisões. É nesse quadro que se insere a história de Sayuri e sua família, com a decisão de enterrar os livros.

## A SUPERAÇÃO DO MEDO

Grandes filósofos e psicanalistas se debruçaram sobre a questão do medo: o medo da morte, da perda de familiares, de situações novas, de circunstâncias reais e dolorosas, como a guerra e a fome. Trata-se de uma emoção natural do ser humano, filosoficamente definido como dor ou agitação produzidas pela perspectiva de um mal futuro, seja ele real, seja imaginário. Pode ser uma força que paralisa ou

Na escola clandestina, Sayuri interessa-se por tudo e se sente em um mundo mágico conforme vai descobrindo o prazer e a beleza da leitura. Sonha com as palavras e faz suposições sobre os ideogramas de seu livro, cujo título é *Concha-cerejeira*, que ela associa à aquisição da escrita e a seus mistérios: o livro é a concha que vai se abrindo lentamente, revelando-lhe, nos ideogramas escritos, o rio, o sol, a lua, os animais, concha que se mostra um pouco cada dia, despertando na menina o gosto escondido de ler sozinha.

Os momentos em que tenta vencer, passo a passo, as páginas de seu livro secreto e decifrar os enigmáticos símbolos são descritos com delicadeza e força poética. Sayuri desenha em um pequeno caderno as imagens e significados que aprendeu com o professor e, em casa, escreve na terra do quintal, entre as galinhas, e na palha seca das espigas de milho. Entretanto, o clima tenso da guerra está sempre presente em seu dia-a-dia: Sayuri sofre com seus medos. Serão descobertos na escola clandestina? Terão a casa revistada? Vão encontrar seu livro embaixo do colchão? As palavras a fazem sonhar, mas a lembrança dos livros enterrados e o medo de perder seu objeto secreto a preocupam.

Um dos momentos de maior tensão é quando a casa de Hanae, amiga por quem a menina tem grande admiração, é revistada pelos “homens”, figuras emblemáticas dos medos de Sayuri, à procura de livros e jornais japoneses. Vasculham gavetas e malas e, para horror de Sayuri, também embaixo do colchão de Hanae.

Com o passar do tempo, marcado por Sayuri pelas estações do ano, chegam notícias do fim da guerra, mas ninguém tem certeza de nada, e o pai não ousa desenterrar os livros. Nesse momento da narrativa, a autora deixa implícita a questão sobre como os imigrantes japoneses no Brasil reagiram ao pós-guerra: isolados, sem jornais, sem rádio, viram-se divididos entre os que não aceitavam a derrota e os que reconheciam a rendição do Japão às forças aliadas depois do lançamento das bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki.

No entanto, o que agora inquieta Sayuri, distante dessa realidade que não compreende, é o casamento de Hanae com o professor. Dois golpes simultâneos para a menina: fica sem a amiga e sem o professor.

Após um período sem aulas, o curso recomeça na escola, ainda clandestina, com professor novo, que pede aos alunos que escrevam um texto sobre tudo que veem. Sayuri, com grande poesia, vai enchendo o papel de imagens, cores e sons: escreve sobre o formato do capim, o vento que balança as folhas, o ninho do



que impulsiona. Como cada ser humano enfrenta seus medos? Alguns sucumbem a eles, outros os superam.

“A coragem conduz às estrelas, e o medo à morte.” A metáfora embutida nessa frase de Sêneca, pensador latino (4 a.C.-65 d.C.), ilustra bem a força que se desprende da pequena Sayuri, apesar dos temores reais que a cercam: para ela, chegar às estrelas significa aprender a ler e a escrever; sua paixão pelos livros é a força que a impulsiona e lhe permite vencer o medo.

#### **Leitura extraclasse para os alunos:**

JAF, Ivan. *O menino que caiu no buraco*. São Paulo: Edições SM, 2004.

ORLEV, Uri. *O monstro da escuridão*. São Paulo: Edições SM, 2004.

joão-de-barro, a terra, a água, os caracóis e as cores das hortaliças, mostrando habilidade na escrita dos ideogramas japoneses.

Algum tempo depois, cartas de parentes do Japão à comunidade confirmam, finalmente, a notícia sobre o fim da guerra, e Sayuri não entende por que ninguém festeja. Sua mãe lhe explica a amargura do pai com a destruição do país natal, pois, como a maioria dos imigrantes, ele tinha o sonho de retornar à terra.

Chega o dia de desenterrar os livros. Como estariam depois de tanto tempo? Com os olhos presos no pai, que retira a caixa de sob a terra, a família sente grande desgosto: os livros estão completamente destruídos.

No momento em que finaliza a leitura de seu livro secreto, Sayuri é surpreendida em seu quarto pela irmã mais velha. Para seu espanto, esta confessa que também escondera um livro, na verdade, um dicionário. Com desfecho inesperado, livros vão surgindo pela casa: cada membro da família escondera sua “concha”, provando que o desejo do conhecimento é uma força poderosa que desafia e **supera até mesmo o medo**.

## DIALOGANDO COM OS ALUNOS

### ANTES DA LEITURA

#### **UMA MENINA E SEUS LIVROS**

Como sensibilização para a abordagem do tema central da narrativa, pode-se pedir aos alunos que contem uma experiência pessoal relacionada a livros: como aprenderam a ler, qual o primeiro livro que leram, se gostam de ler, se têm muitos livros, qual o preferido etc.

Para levantar hipóteses sobre a leitura, explorar o nome “Sayuri” – a qual nacionalidade está ligado, onde viveria essa menina, o que se vai contar sobre os livros dela, em que língua estão escritos –, encaminhando os comentários para a questão da imigração japonesa no Brasil – quem tem um amigo ou colega de ascendência japonesa, por que os imigrantes vieram para o Brasil, como é viver em um país estrangeiro, como acham que foi essa adaptação.

## PREDIÇÕES E EXPECTATIVAS

Ler o título do primeiro capítulo e pedir aos alunos que façam uma predição: o que ou quem está *debaixo da terra*? Por quê? Que tipo de sentimento essa cena desperta? Ler, em seguida, o parágrafo inicial, em que se nota uma antecipação, criando uma expectativa no leitor. A frase que finaliza o parágrafo (“Se chovesse, tudo ficaria para outro dia”) funciona como “gancho”, aguçando a imaginação e estimulando a continuidade da leitura individual para descobrir o que seria esse “tudo”.

O trabalho com a antecipação e o levantamento de hipóteses é muito importante para estimular o aluno a uma leitura com significado, tornando-o leitor competente, capaz de ler nas entrelinhas.



## DURANTE A LEITURA

### É PROIBIDO APRENDER

Combinar com os alunos a leitura dos quatro primeiros capítulos, momento em que se instaura o conflito: é o ano de Sayuri entrar na escola, mas a de sua comunidade, como outras, foi fechada; e os pais afirmam que vão “dar um jeito”. Estimular os alunos a imaginar qual será a solução antes de continuar a leitura. Comentar a situação de guerra e proibição: o que pode fazer uma comunidade vigiada e proibida de ter escolas para ensinar suas crianças?

### OS MEDOS DE SAYURI

Outra pausa pode ser feita para reflexão depois das primeiras aulas na escola clandestina. Comentar com os alunos os temores de Sayuri e abrir para discussão: até que ponto uma criança com medo de ser descoberta pela polícia pode aprender a ler? Comparar com a atualidade, em que todas as crianças brasileiras têm liberdade de ir à escola, sem viver em um clima de guerra e perseguição, para que os alunos tenham a dimensão histórica desse grande flagelo que são as guerras.

### IDEOGRAMAS DECIFRADOS

Pode-se pedir aos alunos que realizem pesquisas sobre os ideogramas japoneses e as línguas que utilizam esse sistema de escrita. O ideograma é um símbolo gráfico usado para representar uma palavra ou uma idéia; são exemplos de escritas ideográficas os hieróglifos do antigo Egito, a escrita dos maias, na América Central, e os caracteres utilizados em chinês e japonês. Sayuri aprende ideograma por ideograma, palavra por palavra. Feitas

as pesquisas, propor aos alunos que desenhem e exponham na classe alguns ideogramas correspondentes às palavras que Sayuri vai aprendendo: sol, lua, dia, mês, bosque, montanha, água, rio, fogo, concha, cerejeira, todos ligados à natureza.

**Para saber mais:**

BAUSSIÉ, Sylvie. *Pequena história da escrita*. São Paulo: Edições SM, 2005.

**DEPOIS DA LEITURA**

Neste momento, atividades de reflexão e desdobramento podem ser feitas. Algumas propostas são:

**NARRATIVA EM 1ª PESSOA**

A opção pelo foco narrativo em 1ª pessoa causa grande impacto na narrativa. Pela visão de Sayuri, revela-se um mundo complexo e frequentemente incompreendido por ela. Também em virtude dessa escolha, o ritmo da narrativa é leve e ágil, com frases curtas, mesclando os pensamentos e impressões da menina sobre tudo que experimenta. Pedir aos alunos que façam o levantamento de trechos em que haja exemplos desse recurso, nos momentos de vaivém ritmado entre reflexões e atos do cotidiano de Sayuri.

A linguagem poética e delicada, mas simples, aproxima o leitor da personagem, como se visse o mundo pelos olhos dela, acompanhando-a solidariamente em suas brincadeiras, seus afazeres, seus sonhos mais secretos, seus medos, suas angústias. Para que percebam a diferença entre a narração em 1ª e 3ª pessoa, solicitar aos alunos que re-escrevam determinado trecho, alterando o foco narrativo para um observador não-onisciente. Em uma discussão coletiva, levá-los a perceber que a narrativa perde parte de seu impacto, pois o narrador-observador restringe-se aos fatos que presencia, sem penetrar na mente e coração da personagem.

**Para saber mais:**

LEITE, Ligia Chiappini M. *O foco narrativo*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2000.

**DESFECHO**

Desfecho ou desenlace é o final da história, em que se resolvem ou não os conflitos derivados da narrativa; pode ser fechado ou aberto. Em *Os livros de Sayuri*, o desfecho, apesar de fechado, pois



os conflitos são solucionados, é totalmente inesperado. É possível trabalhar com os alunos nesse sentido: esperavam esse final ou outro? Qual? Lembrar que uma das maiores angústias da menina era ser flagrada com o livro, quer pelos pais, quer pelos “homens”: a surpresa de saber que os familiares fizeram o mesmo que ela é sinônimo de alegria, conforto e certeza de ter agido bem. É importante salientar que esse desfecho é altamente positivo, uma vez que traz a esperança de uma vida repleta de possibilidades.

## ENTREVISTAS

Entrevistas podem ser feitas com os avós sobre a época da Segunda Guerra Mundial: onde moravam, o que faziam, como viviam, se sofreram algum tipo de consequência. Essa atividade pode ser ainda mais significativa se houver descendentes de imigrantes na turma. Nesse caso, pedir a esses alunos que façam um relato oral dos resultados da entrevista para os colegas. Aproveitar o relato das experiências para mencionar questões como preconceito e intolerância em relação a outras culturas e etnias.

## CONTRIBUIÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL

A leitura atenta deste livro, mencionando a vida difícil e atribulada das primeiras colônias de imigrantes japoneses no Brasil, ainda que vista pelos olhos de uma menina, enseja o aprofundamento de uma questão substancial: como o povo japonês e seus descendentes contribuíram para a sociedade brasileira. Uma pesquisa sobre o que foi incorporado dessa cultura milenar pelos brasileiros pode ser realizada pelos alunos.

---

ELABORAÇÃO DO GUIA LAIZ BARBOSA DE CARVALHO –  
PROFESSORA DA ESCOLA SUÍÇO-BRASILEIRA; PREPARAÇÃO  
MÁRCIA MENIN; REVISÃO CARLA MELLO MOREIRA E  
ANABEL LY MADUAR

